

Caminhar sobre a mesma _____ linha.

Olhar _____

é um ato de ordem fisiológica e que envolve reações eletroquímicas. Descrito desta forma, o sentido da visão, responsável por 75% de nossa percepção, não aparenta sua impressionante complexidade. Basta lembrarmos que o mecanismo da visão humana gerou similaridades construtivas para as máquinas fotográficas. Aos olhos mecânicos falta, porém, a conjugação funcional como a que o olho humano possui com o cérebro. A avaliação do que é visto depende de condições socioculturais. E ainda assim alguns olhares possuem uma inquietação que torna visível o que foi invisibilizado para a maioria das pessoas.

Desvelar _____

algo possibilita que aquilo que é ou tornou-se invisível assuma a condição de ser percebido pelo outro. Essa ação, o desvelamento, pode ser feita por sujeitos como cientistas ou artistas. No primeiro caso, um objetivo à ser atingido e experimentações com o rigor dos parâmetros científicos nos mostram aquilo que não podíamos ver (ou compreender). Já o artista age sob aspectos subjetivos e sem uma definição, à priori, de algo à ser atingido. Talvez aqui exista uma dificuldade adicional: é preciso que o artista desvele primeiro a si mesmo para, paradoxalmente, mostrar aos outros o que não é visível. Mas como compreender o que somos enquanto seres complexos?

Identificar _____

aquilo que somos é tarefa para uma vida inteira. Dois trabalhos de Rosa Grizzo (Jogos I e Jogos III, ambos de 2002) já indicavam essa busca pelo conhecimento de si onde, assim como na ideia consolidada do autorretrato, a artista recorria a sua própria imagem. Esse espelho manipulável permite não só que um artista veja a si mesmo mas, principalmente, qual a imagem que faz de si.

Em ambos o que surge é a ideia de um ser fragmentado, mas estes fragmentos que compõem o todo são fases do desenvolvimento deste ser, da infância à idade adulta. A junção de todas essas imagens forma a mulher representada. Impossível não pensar em Simone de Beauvoir e sua frase "não se nasce mulher, torna-se mulher".

Comprender

ou conscientizar-se sobre o espaço social que a mulher ocupa e sobre os conceitos de feminino e feminista se tornou uma condição incontornável. Nos últimos cinco anos Rosa desenvolveu formalmente essa abordagem, utilizando a linguagem do bordado/costura sobre superfícies de tecido. Estas superfícies são, normalmente, ligadas ao uso cotidiano (como na série Lenços) ou ao uso doméstico (colchas ou tecidos puídos como na série Dos puídos feridas). A especificidade da linguagem utilizada leva naturalmente aos questionamentos como uma fatura contrária ao que se espera do bordado; eles são irregulares, não buscam o bom acabamento, usam materiais diversos e a cor vermelha está sempre presente.

Questionar

faz parte do trabalho de arte. Em maior ou menor grau todo trabalho de arte é político. Rosa opta por tratar do feminismo e seus desdobramentos à sua maneira ou, em suas palavras, sem ser panfletária. Isso não quer dizer que ela abra mão de uma visão crítica à condição feminina. Em seus trabalhos estão presentes a rotina estafante, invisível e não remunerada do trabalho doméstico, a própria invisibilidade de trabalhos associados ao que seria feminino e mesmo a violência física-sexual e opressão econômica ou do mercado de trabalho. Mas o que faz com que esses trabalhos possuam uma carga tão forte de camadas perceptivas, passíveis de interpretações conforme o repertório de quem os vê, conjugadas a soluções estéticas corretas?

Consolidar

o processo de execução destes trabalhos foi muito árduo. Ao acompanhar o desenvolvimento de Rosa Grizzo e sua dedicação pude comprovar isto. E me perguntava o que os tornava tão potentes apesar da singeleza e/ou fragilidade que possuíam. Percebi que a resposta estava nos trabalhos de vinte anos atrás, os Jogos. A compreensão de si mesma contida na quase dissecação das imagens foi significativa, bem como a honestidade por trás do processo e da intenção formalizada. Ao se entender e conseguir lidar com a rotina e a invisibilidade associada a aspectos da condição feminina Rosa pôde voltar a trabalhar com a imagem. Da quase abstração de sua silhueta assim como na repetição que torna esta imagem um padrão gráfico, Rosa passa a elaborar fotos e vídeos onde ações cotidianas ligadas à rotina doméstica ou à uma atividade repetitiva e mesmo monótona (mas não tediosa!) como caminhadas encontram analogias na ação do bordar e sua repetição. Ou na percepção de cenas / imagens que passam ao largo da maioria dos olhares.

Perante ao trabalho infundável e invisibilizado ligado ao universo feminino, tão bem e belamente exemplificado em Vestido, Rosa converte o banal, o ordinário da vida, em extraordinário. Seus olhos e suas mãos nos mostram tanto a beleza das coisas mínimas e desimportantes quanto a força do que é considerado fraco. A interdição do descarte (num mundo consumista!) pela reabilitação através do afeto e da memória. E converte o que é infundável não em algo penoso, mas gratificante, desvelando o invisível para que possamos nos entender um pouco melhor.

Marcelo Salles, abril de 2022